

**O FENÔMENO DO ALÇAMENTO DAS VOGAIS  
PRETÔNICAS SEM MOTIVAÇÃO APARENTE  
EM VARIEDADES FLUMINENSES**

*Letícia Fionda Campos* (UFRJ)

[leticiafionda@yahoo.com.br](mailto:leticiafionda@yahoo.com.br)

*Heloise Vasconcellos Gomes Thompson* (UFRJ)

[heloisethompson@gmail.com](mailto:heloisethompson@gmail.com)

*Marianna Maroja Confalonieri Cardoso* (UFRJ)

[mariannamaroja@gmail.com](mailto:mariannamaroja@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar a ocorrência do fenômeno do alteamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente nas variedades do Português de Nova Iguaçu e Copacabana. Para tanto, investigou-se a fala de seis homens e seis mulheres oriundos dessas localidades, divididos em três faixas etárias distintas, com Ensino Fundamental completo ou incompleto, encontradas no *Corpus* Concordância da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este estudo pautou-se nos preceitos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968]), além de estudos relacionados à teoria da Difusão Lexical (OLIVEIRA, 1992), à Teoria de Exemplos e à Fonologia de Uso (BYBEE, 2001). Partiu-se da hipótese de que o condicionamento lexical tem função primária no alteamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente e o condicionamento fonético, por sua vez, exerce papel secundário, permitindo localmente a elevação da vogal média sem estendê-la a todos os vocábulos com contextos fonéticos semelhantes. Os resultados confirmam nossas hipóteses, evidenciando ainda a baixa frequência do fenômeno em foco nas duas variedades investigadas e, de maneira geral, a maior propensão da vogal /o/ ao alteamento.

**Palavras-chave:**

Alteamento. Variação linguística. Vogais médias pretônicas.

**ABSTRACT**

This work aims at analyzing the occurrence of pretonic mid-vowels raising without apparent motivation in Portuguese varieties from Nova Iguaçu and Copacabana. In order to accomplish this, we investigated the oral speech of six men and six women from such regions, considering three different age groups. The analyzed speeches can be found on the web page of the Federal University of Rio de Janeiro's Concordância Corpus. This study used Sociolinguistic Variation Theory (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) as theoretical background as well as works involving Lexical Diffusion Theory (OLIVEIRA, 1992), Exemplar Theory and Usage-Based Phonology (BYBEE, 2001). Our hypothesis was that lexical conditioning plays a major role in pretonic mid-vowels raising without apparent motivation and phonetic conditioning plays, then, a minor role. The results confirmed our hypothesis. Moreover, it was possible to show that the phenomenon focused on this study presents low frequency of occurrence and that vowel /o/ is more prone to be raised.

**Keywords:**

**Raising. Linguistic variation. Pretonic mid-vowels.**

## **1. Introdução**

O fenômeno do alteamento<sup>151</sup> das vogais médias pretônicas tem sido estudado amplamente por diferentes autores, como Callou e Leite (1986), Bortoni (1992), Brandão e Cruz (2005), entre outros, sendo Bisol (1981) a precursora das análises acerca desse tema. Em sua maioria, os trabalhos envolvendo o alçamento das pretônicas apresentam condicionamentos, sejam eles linguísticos ou sociais, para sua concretização. No entanto, autores como Klunck (2007), Monaretto (2013) e Silva (2014) apontam que há casos em que não é possível detectar motivação linguística para a realização do fenômeno em questão. Nesse contexto, a elevação não revela motivação fonética, pois ocorre mesmo na ausência de uma vogal alta, como se observa em s[e]nhor ~ s[i]nhor e g[o]verno ~ g[u]verno. Esse tipo de ocorrência foi constatado por Monaretto (2013) e Silva (2014) na variedade de Porto Alegre, abrindo espaço para a verificação de sua ocorrência em outras variedades do português brasileiro.

Este artigo tem como objetivo apresentar um breve estudo do alçamento sem motivação aparente das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas, sob a perspectiva do modelo de mudança laboviano, nas variedades de Nova Iguaçu, município do estado do Rio de Janeiro, e Copacabana, bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, consideramos a fala de seis homens e seis mulheres de três diferentes faixas etárias, todos com ensino fundamental completo ou incompleto, oriundos de ambas as localidades, a fim de verificarmos se o fenômeno em foco é recorrente nessas variedades. O *corpus* utilizado para o presente estudo inclui dados extraídos de entrevistas de falantes de Copacabana e Nova Iguaçu, que constituem as amostras do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, disponível no site: [www.concordancia.ufrj.br](http://www.concordancia.ufrj.br).

Nossa análise pauta-se, principalmente, nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Serão considerados, ainda, aspectos relacionados à teoria da Difusão Lexical, à Teoria de Exemplares e à Fonologia de Uso, importantes para o entendimento do fenômeno em análise.

---

<sup>151</sup> Neste artigo, utilizamos o termo alteamento e alçamento como sinônimos.

Para nossa pesquisa, partimos das hipóteses de que: i) o fenômeno do alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente ocorre nas variedades de Copacabana e Nova Iguaçu; ii) tal fenômeno apresenta baixo grau de ocorrência entre os jovens e adultos das variedades analisadas; iii) o condicionamento lexical teria uma função primária no alteamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente; iiiii) o condicionamento fonético teria papel secundário, permitindo localmente a elevação da vogal média sem estendê-la a todos os vocábulos com contextos fonéticos semelhantes.

Esta pesquisa pretende contribuir com a descrição do processo de alteamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente, apresentando a análise de variedades do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, acreditamos que nossos resultados possam reforçar as conclusões apresentadas por Silva (2014), contribuindo para uma futura generalização da descrição do fenômeno em pauta.

## **2. Pressupostos teóricos**

Conforme mencionamos anteriormente, utilizamos como base teórica para a presente pesquisa os preceitos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), além de recorreremos a estudos vinculados à Teoria da Difusão lexical (SILVA, 2014), à Teoria dos Exemplares e à Fonologia de Uso (BYBEE, 2001). A seguir, sintetizam-se os aspectos teóricos que fundamentaram a análise.

### **2.1. A Sociolinguística Variacionista**

Com base em Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a Sociolinguística Variacionista tem como base principal o postulado de que a língua é um sistema heterogêneo, em constante mudança, e que a variação é ordenada, isto é, passível de sistematização. A variação implica a existência de duas ou mais formas variantes – chamadas de “variantes linguísticas” – que coocorrem e concorrem entre si em uma específica comunidade de fala e em um determinado período de tempo, sendo utilizadas para transmitir o mesmo significado ou função.

Consoante Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), esse modelo busca responder a questão central da mudança linguística a partir de alguns princípios gerais:

1. A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada. 2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas. 3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade. 4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico. 5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes. 6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos. 7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125-6).

Os preceitos da Sociolinguística Variacionista mostraram-se adequados e eficazes à análise do fenômeno em foco neste estudo, visto que buscamos descrever e justificar a ocorrência de variação na realização das vogais médias pretônicas em variedades do Português. Além disso, em consonância com os ideais dessa teoria, acreditamos que, para além da análise estritamente linguística, a observação do contexto sociocultural pode ser importante para o entendimento da ocorrência de alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente.

## **2.2. Difusão lexical**

A hipótese da difusão lexical como uma possibilidade de processo de mudança surgiu na década de 1970 com estudos sobre as variedades dialetais do chinês. De acordo com Silva (2014), os estudiosos Chen e Wang (1975) verificaram por meio de sua pesquisa que a mudança sonora tinha papel secundário, tendo o condicionador lexical papel primário no processo. Em outras palavras, para os autores, a mudança sonora po-

deria ocorrer mesmo sem os condicionadores fonéticos propiciadores, pois o processo se iniciaria no eixo lexical.

Para a perspectiva difusionista, o processo de mudança teria início em uma palavra, sendo expandida para outras por meio da analogia. Dessa forma, o componente fonético adquire caráter secundário no processo de mudança, tornando justificáveis os casos em que determinados itens lexicais que apresentavam contextos fonéticos semelhantes não eram atingidos pelo processo de mudança linguística. Assim, podemos afirmar que a hipótese difusionista abarca a ideia de que as mudanças sonoras são “lexicalmente graduais e foneticamente abruptas” (OLIVEIRA, 1992, p. 32), ou seja, a mudança sonora tem início de modo súbito em uma palavra isolada, podendo se expandir pouco a pouco para outras palavras que apresentam contexto fonético similar. Segundo esta perspectiva, o contexto fonético funciona mais como estabilizador do que como condicionador da inovação.

Neste artigo, investigaremos se a hipótese difusionista se aplica aos dados analisados para as variedades de Nova Iguaçu e Copacabana, tomando por base a abordagem de Silva (2014) para a variedade porto-alegrense. Optamos por testar a aplicação dessa hipótese pelo fato de estarmos diante de casos de variação na realização fonética das vogais médias pretônicas sem haver alguma motivação aparente, em que o processo de mudança linguística atinge apenas alguns itens lexicais.

### **2.3. Teoria dos Exemplos e Fonologia de Uso**

A Teoria dos Exemplos baseia-se na Fonologia de Uso, proposta por Bybee (2001). Segundo essa abordagem, as línguas são adquiridas pelos falantes por meio do uso que fazem dela. Sendo assim, as línguas possuem caráter emergente, ou seja, estão em constante transformação. Com base em Bybee (2001), para a Teoria dos Exemplos, a organização gramatical dá-se no léxico, responsável por operacionalizar o uso linguístico. Nesse sentido, o léxico abarca tanto as informações gramaticais quanto as informações sociais dos elementos linguísticos. Por conseguinte, ao experienciarem a língua no uso, os falantes armazenam em sua mente, simultaneamente, os componentes linguísticos e sociais que envolvem o uso de cada forma linguística.

Ao ser exposto a mais de uma realização para um mesmo elemento, o falante armazena todas as possibilidades a que teve acesso em seu

uso linguístico — *exemplares*. Dessa forma, os casos de variação são guardados em uma nuvem de exemplares, que o falante acessa sempre que faz uso de uma determinada forma linguística. Vale ressaltar que, apesar de haver diversos exemplares disponíveis dentro dessa nuvem na mente do falante, ele acessa mais facilmente aqueles que usa mais recorrentemente em seu grupo social de convívio. Isso justifica as diferenças na realização de formas variantes para falantes de uma mesma região.

No âmbito fonético, para essa teoria, cada categoria é representada na mente do falante por uma nuvem de exemplares que foram registrados para dada categoria. As categorias mais frequentes apresentam mais exemplares e, por isso, são acessadas com maior facilidade pelo falante. Isso significa dizer que a frequência é muito importante para o mapeamento fonológico.

No que tange ao alteamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente, acreditamos que a Teoria dos Exemplares auxilie na descrição e análise das realizações feitas pelos informantes individualmente, visto que, dentro de um mesmo espaço geográfico, constatamos diferentes resultados para a realização ou não do fenômeno em foco.

### **3. Etapas da pesquisa: organização do corpus e metodologia**

#### **3.1. A amostra**

A amostra utilizada nesta pesquisa se constituiu de 12 entrevistas do *corpus* Concordância – Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, disponível no site [www.concordancia.ufrj.br](http://www.concordancia.ufrj.br) – divididas entre o bairro de Copacabana e o município de Nova Iguaçu, onde os informantes considerados nesta análise são nascidos e/ou criados. Foram selecionados 6 homens e 6 mulheres, um de cada uma das três faixas etárias analisadas para ambas as localidades, todos com baixo grau de escolaridade – tendo cursado apenas o Ensino Fundamental, completo ou não.

#### **3.2. Grupo de fatores**

Os dados foram coletados, codificados e processados segundo a metodologia da sociolinguística variacionista (MOLLICA; BRAGA, 2003) a partir dos grupos de fatores linguísticos – mencionados no qua-

dro 1<sup>152</sup> – e sociais e submetidos ao programa de regra variável Goldvarb X. Nossa variável sociolinguística – ou dependente – é o alteamento da vogal média pretônica, fenômeno observado no presente estudo.

(1) Variante alçada: s[i]nhora, c[u]mecei

(2) Variante não alçada: p[e]ssoa, v[o]cê

Quadro 1: Variáveis linguísticas e sociais.

<u>Variáveis linguísticas</u>
<u>Altura da vogal da sílaba anterior:</u> Vogal alta fonética: cunv[e]rsar Vogal média: prof[e]ssor Vogal baixa: nam[o]rar <u>Ausência de vogal precedente:</u> tr[o]car
<u>Altura da vogal da sílaba seguinte:</u> Vogal média-alta: d[e]pois Vogal média-baixa: c[o]légio Vogal baixa: s[o]taque
<u>Tipo de sílaba:</u> Aberta: s[e].ma.na Fechada: n[o]r.mal
<u>Posição do alvo:</u> Prefixo: r[e]começo Radical: rec[o]meço
<u>Nasalidade:</u> Oral: b[o].cal Nasal em sílaba seguinte: c[o].nhe.ço
<u>Distância entre a vogal alvo e a sílaba tônica:</u> Distância zero: c[o]lega Distância 1: pr[o]blemático Distância 2: g[o]vernadores Distância 3: m[o]deradamente
<u>Atonicidade da vogal:</u> Vogal átona persistente: c[o]nhecer (vogal átona) c[o]nheço (átona) c[o]nhecerei (átona) Vogal átona casual (palavras derivadas): b[e]lo (vogal tônica) → b[e]leza (átona) Vogal sem status definido (verbos): conh[e]cer (vogal átona) conh[e]ço (tônica)
<u>Contexto consonantal anterior à vogal alvo:</u> Labial: p[o]der, b[e]leza, m[o]rar, f[e]char, v[e]rmelha Coronal [+anterior]: t[e]lhado, d[e]senho, s[e]mana, z[o]mbar, n[o]venta, cor[o]nel,

<sup>152</sup> As variáveis operacionais utilizadas nesta investigação foram escolhidas com base no estudo realizado por Silva (2014).

l[e]gal Coronal [-anterior]: ch[o]cante, g[e]lado, conh[e]cemos, melh[o]ra Dorsal: c[o]légio, g[o]star, r[e]clama Ausência de contexto: h[o]rror, [e]levado
<u>Contexto consonantal seguinte à vogal alvo:</u> Labial: s[e]paração, pr[o]blema, pr[o]fessor, g[o]verno Coronal [+anterior]: r[e]torno, p[e]daço, prof[e]ssores, d[e]sejar, c[o]rdenação, f[e]ijão, g[e]lado Coronal [-anterior]: m[e]lhor, des[e]jar, f[e]chado Dorsal: p[e]queno, p[e]gar, [e]rrado Nasal: c[o]mentar, aband[o]nado, s[e]nhora
<u>Classe Gramatical:</u> Verbo: ch[o]rar, r[e]ceber Substantivo: g[o]vernador, g[e]ladeira Nome próprio: [O]svaldo, F[e]rnanado Adjetivo: p[e]quena, g[o]stoso Advérbio: m[o]deradamente, [e]xatamente Preposição: a[p]esar Conjunção: p[o]rtanto Numeral: s[e]tenta Pronome: v[o]cê

Observamos, ainda, em relação às variáveis sociais, o sexo (masculino ou feminino), a idade (de 19 a 35; 42 a 49; e 56 a 82 anos), a escolaridade do informante (ensino fundamental completo ou incompleto), além do próprio informante, a fim de perceber se as mudanças se tratavam de escolhas individuais. Os grupos foram selecionados tendo em vista os objetivos e hipóteses do trabalho, além dos pressupostos teóricos do Quadro de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) e da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), e levando em consideração os estudos já realizados sobre o tema.

### **3.3. Dados excluídos da análise**

Visto que este artigo teve como objetivo fazer um estudo acerca do alteamento sem motivação aparente, não foram computados para a presente análise os dados em que haveria alguma motivação por conta de fatores fonéticos, comprovados em estudos anteriores. Assim, excluímos de nossa análise as palavras que apresentavam a vogal média pretônica nos seguintes contextos: palavras que apresentavam [i] ou [u] na sílaba tônica ou em qualquer outra depois dela (ex: m[e]nino, b[o]nito); sílaba travada por sibilante (ex: [e]scola, [e]sperando); sílaba travada por nasal (ex: [e]nrolado, [e]mbora); hiato (ex: am[e]açou, b[o]ate); ditongo (ex: d[e]ixou, r[o]ubando; prefixo (ex: *des-*: d[e]smontada).



#### 4. Análise

##### 4.1. Pretônicas /e/

Para a pretônica /e/, foram computados 2467 dados. Destes, apenas 117 sofreram o processo de alteamento, passando, assim, a [i]. Apresentamos, então, a distribuição dos dados por localidade na tabela a seguir:

Tabela 1: Distribuição de alteamento (x não alteamento) por localidade

Localidade	Alteamento
Copacabana	52/880 = 5,9%
Nova Iguaçu	65/1587 = 4,1%
Total	117/2467 = 4,7%

Conforme observável na Tabela 1, o fenômeno do alteamento sem motivação aparente não se mostrou frequente na fala carioca contemporânea, com índices de ocorrência bastante baixos. Este resultado confirma uma de nossas hipóteses iniciais, embora Copacabana apresente uma pequena diferença em relação a Nova Iguaçu (+1,8%). Este resultado está em consonância com os resultados de Silva (2014) para a variedade de Porto Alegre e parece apontar para o fato de que o fenômeno em foco tende a não ser um processo frequente na língua portuguesa. Vale ressaltar que os baixos percentuais encontrados sugerem que o fenômeno da elevação sem motivação aparente não seja um caso de variação inerente, tratando-se, na verdade, de casos isolados em que a vogal média pretônica /e/ é alçada variavelmente. Dentre os casos de alteamento, nota-se a predominância de certos itens lexicais, que muitas vezes se repetem, como demonstramos na tabela a seguir:

Tabela 2: Itens lexicais mais frequentes.

Item lexical	Com alteamento	Sem alteamento	Total
Paradigma pequen-	26 (100%)	0	26 (100%)
Demais	19 (100%)	0	19 (100%)
Paradigma senh-	18 (85,7%)	3 (14,3%)	21 (100%)
Paradigma deze- (numerais)	18 (100%)	0	18 (100%)

Os dados expostos na Tabela 2, com exceção do vocábulo “demais”, pertencem a grupos de palavras com um mesmo radical em comum. Tais grupos são chamados de paradigmas. Assim, os dados do paradigma “senh-”, por exemplo, englobam ocorrências dos vocábulos “se-

nhor” e “senhora”. O agrupamento dos dados de acordo com os paradigmas evidencia a propagação do fenômeno em foco por meio dos itens lexicais, sendo os radicais os principais responsáveis por isso. O alteamento categórico dos vocábulos dos paradigmas “deze-” e “pequen-” reforçam o argumento, já apontado por Silva (2014), de que o fenômeno do alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente tem como condicionador primário o léxico. Assim, acreditamos que a mudança sonora se inicie de forma repentina em um vocábulo específico e que, por meio de seu radical, se propague a outros vocábulos por força da analogia. Tais resultados confirmam nossa hipótese, baseada na visão difusionista, de que o fenômeno em análise se trata de um processo atuante, predominantemente, no eixo lexical (OLIVEIRA, 1992).

Visto que nosso estudo trata de um fenômeno com uma variável binária, realizamos análise por meio do programa Goldvarb-X, para que fossem observados os grupos de fatores favorecedores ou não de tal processo. Para isso, foram retirados os seguintes casos de não alteamento categórico (knockouts): 96 ocorrências com vogal alta fonética na sílaba anterior, como em “descr[e]ver” e “esp[e]rança”; 226 ocorrências com vogal alvo em sílaba fechada, como “gov[e]rnador” e “p[e]rdese”; 188 ocorrências com consoantes dorsais imediatamente anteriores à vogal alvo, como “arr[e]pendo” e “qu[e]rendo”; 122 ocorrências de palavras como “m[e]lhor” e “f[e]chado”, em que a vogal alvo tem uma consoante coronal [- anterior] em contexto imediatamente seguinte; e, por fim, as 47 ocorrências de vogais em nomes próprios, como “Leblon” e “Teresa”.

A tabela 3, a seguir, apresenta os grupos de fatores selecionados pelo programa de regra variável ao qual nossos dados foram submetidos, na ordem de seleção. Ela foi observada com bastante cuidado para que a análise não tivesse seus resultados enviesados, uma vez que, conforme mencionamos, há muitos itens lexicais que se repetem, algo que o programa utilizado não consegue identificar.

Tabela 3: Grupos de fatores selecionados.

Classe gramatical	Exemplo	Frequência	PR
Numeral	d[e]zenove	25/57 = 43,9%	0,966
Advérbio	[e]xatamente	26/114 = 22,8%	0,913
Preposição	s[e]não	4/18 = 22,2%	0,761
Adjetivo	p[e]quena	20/232 = 8,6%	0,659
Verbo	acon[t]ecer	11/535 = 2,1%	0,422
Substantivo	trav[e]sseiro	30/999 = 3%	0,386
Contexto seguinte			

Nasal	d[e]mais	45/124 = 36,3%	0,961
Dorsal	desempr[e]gado	19/408 = 4,7%	0,720
Coronal [+ anterior]	d[e]sagradável	46/1165 = 3,9%	0,420
Labial	d[e]vagar	6/258 = 2,3%	0,173
<b>Atonicidade da vogal</b>			
Vogal átona persistente	s[e]nhora	107/1413 = 7,6%	0,570
Vogal sem status definido	escr[e]veu	7/367 = 1,9%	0,517
Vogal átona casual	g[e]ração	2/175 = 1,1%	0,082
<b>Contexto precedente</b>			
Ausência de contexto	[e]xame	5/69 = 7,2%	0,661
Coronal [+ anterior]	sobr[e]mesa	91/766 = 11,9%	0,614
Labial	p[e]queno	19/879 = 2,2%	0,468
Coronal [- anterior]	g[e]ração	1/141 = 0,7%	0,116

Input=0.017      Loglikelihood=-257.991      Significance= .005

O melhor nível de significância, 0,005, foi obtido no nível 6 do *stepping up*. Os grupos de fatores selecionados pelo programa foram, respectivamente: classe gramatical, contexto seguinte, atonicidade da vogal e contexto precedente. É interessante observar que todos são de ordem linguística, sugerindo que os fatores sociais parecem não ter apresentado relevância para o alteamento ou não dessas vogais.

Em relação à classe gramatical, podemos observar que os numerais e advérbios favorecem o alteamento da pretônica /e/ em relação aos verbos e substantivos. O *range*, distância entre os dois mais altos e os dois mais baixos, é de quase 0,500, o que é muito relevante. Num ponto intermediário, temos as preposições e adjetivos, que seriam mais neutros. Isso nos revela uma interessante gradação, muito significativa. No entanto, as palavras “pessoa”, “pessoas” e “pessoal” apresentaram contextos categoricamente não alteados, somando 440, dos 999 dados desta classe gramatical, o que pode ter inflacionado os números e atribuído o baixo peso aos substantivos.

Como era de se esperar, as vogais analisadas que eram seguidas de uma consoante nasal apresentaram contexto mais propício para o alteamento. Os sons nasais tendem a favorecer o alçamento das vogais adjacentes por conta da elevação do palato e movimentação da língua em direção a um ponto mais alto na cavidade oral quando articulados. Mesmo que, nos dados analisados, a consoante nasal estivesse em sílaba seguinte — já que excluímos os dados de sílaba travada por nasal —, tal contexto mostrou-se, de alguma forma, favorecedor. Por outro lado, as vogais ana-

lisadas seguidas por labiais se apresentaram como um contexto desfavorável à sua elevação.

Outro fator que nos chama a atenção é a palatalização. O [dʒ] levaria essas vogais a altearem, como em “demais” e “desabar”. No entanto, não temos dados conclusivos em relação a este processo, uma vez que, por outro lado, temos também palavras como “depois” e “depende”, que apresentam o mesmo contexto e não aparecem alteadas uma vez sequer em nossa amostra.

#### **4.2. Pretônicas /o/**

Foram encontrados 2331 dados de pretônica /o/, dos quais 174 foram alteados, passando a [u], como demonstra a tabela abaixo, dividida entre as duas localidades analisadas:

Tabela 4: Distribuição de alteamento (x não alteamento) por localidade.

<b>Localidade</b>	<b>Alteamento</b>
Copacabana	49/855 = 5,7%
Nova Iguaçu	125/1476 = 8,5%
Total	174/2331 = 7,5%

Os dados da Tabela 4 mostram que o alteamento da vogal pretônica /o/ também apresenta baixa frequência de aplicação. Contudo, ao compararmos as pretônicas analisadas, vemos que /e/ apresentou índice de 4,7% de alteamento e /o/, de 7,5%, mostrando esta vogal como mais propensa ao fenômeno. Outro fato curioso que podemos constatar é que, em relação às variedades, separadamente, chegamos a resultados contrários em relação às vogais /e/ e /o/. Na variedade de Copacabana, a vogal /e/ teve um percentual maior de alteamento em relação à vogal /o/. Já em Nova Iguaçu, a vogal /o/ apresentou quase o dobro do percentual encontrado para a vogal /e/. Essa suposta contrariedade entre os dados de /e/ e /o/ para as variedades analisadas pode ser justificada por meio da Teoria dos Exemplos.

De acordo com a referida corrente, cada falante armazena em sua mente uma nuvem de exemplares possíveis para a realização de uma determinada forma linguística e escolhe utilizar aquela mais recorrente em seu grupo social de convívio. Silva (2014) aponta que

[...] na medida em que as formas alçadas das vogais médias pretônicas são utilizadas recorrentemente pelos usuários da língua, o falante/ouvinte alte-

ra sua representação mental para aquela palavra e a forma variante passa a ganhar espaço. (SILVA, 2014, p. 150-1)

Assim, no que tange ao alteamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente, podemos dizer que, de acordo com nossos dados, os exemplares realizados com o alteamento da vogal /e/ tendem a ser os mais recorrentes em Copacabana, ao passo que, em Nova Iguaçu, o mais frequente parece ser o alteamento da vogal /o/ e, dessa forma, um ou outro é mais facilmente acessado pelos falantes de determinada região no momento da realização linguística. Mais uma vez, é necessário que se observem os itens lexicais repetidos para que não se interprete os resultados de maneira enviesada. Para isto, apresentamos a tabela a seguir, com os elementos mais frequentes entre os dados de /o/ por nós analisados, mostrando sua frequência de alteamento:

Tabela 5: Itens lexicais mais frequentes.

Item lexical	Com alteamento	Sem alteamento	Total
Paradigma começ-	51 (67,1%)	25 (32,9%)	76 (100%)
Paradigma sotaqu-	24 (100%)	0	24 (100%)
Paradigma conheç-	43 (26,5%)	119 (73,5%)	162 (100%)
Paradigma com-	14 (100%)	0	14 (100%)
Paradigma colég-	13 (37,1%)	25 (62,9%)	35 (100%)

Os dados encontrados para a vogal /o/ também foram agrupados de acordo com os paradigmas. Percebemos, ao constatarmos o grande número de vocábulos repetidos e com contexto fonético semelhante, que a realização do alteamento da vogal /o/ pode ser justificada por vias lexicais. Os paradigmas “sotaqu-” e “com-”apresentaram alteamento categórico. Em outras palavras, todas as realizações encontradas para os paradigmas — para o paradigma “sotaqu-”, temos “sotaque” e “sotaques”; para o paradigma “com-”, temos “comer” e “comendo” — tiveram a vogal /o/ pretônica alçada. Assim, mais uma vez, fazemos coro ao pensamento de Silva (2014) de que estamos diante de um processo que se dá no âmbito lexical, ocorrendo em itens lexicais específicos com base comum. Além disso, o fato de outros paradigmas não apresentarem 100% de alteamento, como é o caso de “começ-”, “conhec-” e “colég-”, nos ajuda a confirmar a hipótese de que estamos lidando com um processo de condicionamento primariamente lexical, o qual pode se propagar por meio de um radical comum para outras palavras. O fato de não haver propagação do fenômeno para todos os elementos pertencentes a tais paradigmas confirma o pensamento de que não estamos diante de um processo con-

dicionado foneticamente, já que palavras com contexto fonético semelhante apresentaram comportamentos diferentes.

Para realizar uma análise de regra variável e observar a possível relevância dos grupos levantados, eliminamos os seguintes knockouts: 76 ocorrências com vogais médias na sílaba anterior, como em “dem[o]crata” e “choc[o]late”; 43 ocorrências de palavras como “[o]lhei” e “m[o]lhou”, em que a vogal alvo tem uma consoante coronal [- anterior] em contexto imediatamente seguinte; 947 ocorrências de vogais em pronomes, todas na palavra “v[o]cê”, no singular ou plural; 20 ocorrências em advérbio, como “t[o]talmente” e “pr[o]vavelmente”; e, enfim, 6 em numeral, todas na palavra “noventa”.

A seguir, na tabela 6, temos os grupos de fatores selecionados pelo programa de regra variável a que nossos dados foram submetidos.

Tabela 6: Grupos de fatores selecionados.

Contexto precedente	Exemplo	Frequência	PR
Dorsal	c[o]légio	111/420 = 26,4%	0,651
Coronal [+ anterior]	cot[o]velada	31/372 = 8,3%	0,441
Labial	b[o]neca	28/370 = 7,6%	0,426
Coronal [- anterior]	ch[o]vendo	3/50 = 6%	0,216
<b>Classe gramatical</b>			
Conjunção	p[o]rtanto	2/3 = 66,7%	0,917
Substantivo	b[o]lacha	74/453 = 16,3%	0,572
Verbo	c[o]mer	95/642 = 14,8%	0,561
Adjetivo	m[o]leca	2/50 = 4%	0,190
Nome Próprio	Arc[o]verde	1/93 = 1,1%	0,083
<b>Atonicidade da vogal</b>			
Vogal átona persistente	c[o]meçar	146/734 = 19,9%	0,646
Vogal sem status definido	p[o]der	25/412 = 6,1%	0,297
Vogal átona casual	f[o]gão	3/95 = 3,2%	0,288
<b>Contexto seguinte</b>			
Nasal	c[o]madre	86/310 = 27,7%	0,625
Coronal [+anterior]	m[o]leque	56/467 = 12%	0,576
Dorsal	p[o]rção	10/156 = 6,4%	0,481
Labial	enc[o]bertado	22/308 = 7,1%	0,281
<b>Altura da vogal precedente</b>			
Vogal alta fonética	esc[o]rreguei	4/18 = 22,2%	0,899
Ausência de vogal precedente	c[o]nhecer	169/1152 = 14,7%	0,525
Vogal baixa	Arc[o]verde	1/71 = 1,4%	0,099

Input=0.067

Loglikelihood=-376.068

Significance= .000

Dentre os grupos de fatores linguísticos, cinco foram selecionados como favorecedores do alteamento da pretônica /o/: o contexto precedente, a classe gramatical, a atonicidade da vogal, o contexto seguinte e a altura da vogal precedente. Em relação ao contexto precedente, os números nos mostram uma gradação entre dorsal, coronal [+ anterior] e labial e coronal [- anterior], com uma diferença de pouco mais do que 0,100 entre cada um dos três grupos. Entre as classes gramaticais, vemos que a conjunção apresenta um altíssimo peso relativo, bastante distante dos outros, o que a apresentaria como grande favorecedora do alteamento. No entanto, apesar deste resultado, contamos apenas com 3 dados, o que é insipiente para que façamos maiores afirmações. Os nomes próprios aparecem como desfavorecedores, como é esperado, enquanto substantivos e verbos parecem ser mais neutros. Sobre a altura da vogal precedente, é possível afirmar que uma sílaba com vogal alteada foneticamente imediatamente anterior à vogal alvo é um contexto favorecedor, com peso relativo de 0,899. Ou seja, pronunciando-se a anterior como alta, a vogal analisada assimilaria seu traço. Em contrapartida, a vogal baixa no mesmo contexto também mantém baixa a média pretônica, desfavorecendo o alteamento.

Nas pretônicas ora analisadas, é interessante notar que, ao contrário do que vimos nas pretônicas anteriores, um grupo de fatores sociais foi selecionado: o informante. Esse resultado indica que a variedade adotada por um informante específico pode ser um fator determinante para a ocorrência do alteamento. Em outras palavras, pode ser que o fenômeno não esteja difundido por toda a comunidade de fala, mas seja uma peculiaridade de um falante. Oliveira (1992) sugere que, em uma abordagem difusionista, o comportamento individual seja checado para todos os itens lexicais para, posteriormente, se agruparem os indivíduos de uma comunidade de fala. Por questões de tempo, porém, não foi possível realizarmos tal checagem. De maneira geral, as mulheres apresentaram os pesos relativos mais altos, o que também confirmaria a hipótese de que as mulheres seriam mais inovadoras, conforme o que foi constatado por Silva (2014) em relação às mulheres porto-alegrenses no que diz respeito ao alçamento da pretônica /o/.

## **5. Considerações finais**

Este artigo centrou-se na análise do fenômeno do alteamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente nas variedades de Co-

pacabana e Nova Iguaçu. Para tanto, partiu-se dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista e de aspectos relacionados à teoria da Difusão Lexical, à Teoria de Exemplares e à Fonologia de Uso.

Os resultados confirmam nossas hipóteses, apresentadas na introdução deste artigo, uma vez que o fenômeno observado apresentou baixa frequência nas duas variedades analisadas. Em relação às vogais em análise, de maneira geral, a vogal /o/ mostrou-se mais propensa ao alteamento. Os fatores de ordem social não se mostraram relevantes para o favorecimento ou não do fenômeno, ao contrário do que observamos em relação aos fatores linguísticos, que apresentaram relevância para a análise. Entretanto, concluímos que estes não são os condicionadores primários para a realização do alteamento, visto que vocábulos que apresentam contextos linguísticos similares podem manifestar comportamento diferente, o que encontra respaldo na hipótese da Difusão Lexical.

Ao observarmos que a maioria dos vocábulos alçados apresentavam radical comum entre si, concluiu-se que o processo de mudança sonora começa abruptamente em um vocábulo, propagando-se para outros com contexto fonético semelhante através do radical comum. Os casos em que o fenômeno não se concretizou em palavras com base comum a outras que apresentaram alteamento confirmaram a hipótese de que o condicionamento fonético tem caráter secundário nesse processo.

A Teoria dos Exemplares mostrou-se relevante para a análise dos dados entre as variedades analisadas. A aparente contrariedade entre os dados de /e/ e /o/ para as variedades de Copacabana e Nova Iguaçu são reflexo das escolhas feitas pelos falantes a partir dos exemplares armazenados mais recorrentes em seu grupo de convívio.

Por fim, acreditamos que este trabalho tenha contribuído para uma futura generalização na descrição do processo de alteamento sem motivação aparente no Português Brasileiro, visto que corrobora o que autores como Monaretto (2013) e Silva (2014) constataram para outras variedades do país.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Leda. *Harmonização Vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981. 332p.



BORTONI, Stela Maris *et al.* A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?. *Revista Estudos da Linguagem*, Ano 1, v. 1, n. 1, p. 9-29, Belo Horizonte: Fale/UFMG, julho/dezembro 1992. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/948/1055>.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; CRUZ, Maria Luíza de Carvalho Cruz. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará, com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA. Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. p. 299-318

BYBEE, Joan. *Phonology and Language Use*. Cambridge University Press, 2001.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 5, p. 151-62, Salvador: Instituto de Letras da UFBA, dez./1986. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/1138/showToc>.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

KLUNCK, Patrícia. *O açamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. 2007. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1857>.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. O açamento das vogais médias pretônicas /E/ e /O/ sem motivação aparente: um estudo em tempo real. *Fragmentum*, n. 39, p. 18-28, Santa Maria: Laboratório Corpus da UFSM, Out./ Dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/11211/8954>.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da Difusão Lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Ano 1, v. 1, n. 1, p. 31-41, Belo Horizonte: Fale/UFMG, jul/dez. 1992. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/951/1059>.

SILVA, Ana Paula Correa da. *Elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas entre os jovens porto-alegrenses*. 2014. 173p. Dissertação (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2139>.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov (Eds). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. de Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006].